

## O BOLSONARISMO COMO MOMENTO DE FASCISMO ETERNO E SUAS BRECHAS ESTRUTURAIS: FORMAS DE RESISTÊNCIA

*Bolsonarism and its inherent structural flaws: forms of resistance*

Francesca DELL'OLIO

Universidade de São Paulo e Università di Padova

fran.dellolio@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-4496-9334>

*Ritengo sia possibile indicare una lista di caratteristiche tipiche di quello che vorrei chiamare l' 'Ur-Fascismo', o il 'fascismo eterno'. L'Ur-Fascismo è ancora intorno a noi, talvolta in abiti civili. Sarebbe così confortevole, per noi, se qualcuno si affacciasse sulla scena del mondo e dicesse: 'Voglio riaprire Auschwitz, voglio che le camicie nere sfilino ancora in parata sulle piazze italiane!' Ahimè, la vita non è così facile. L'Ur-Fascismo può ancora tornare sotto le spoglie più innocenti. Il nostro dovere è di smascherarlo e di puntare l'indice su ognuna delle sue nuove forme – ogni giorno, in ogni parte del mondo. (ECO, 2017, p. 1).*

Em 28 de outubro de 2018 olhei incrédula os resultados das eleições em um silêncio plúmbeo que invadiu o centro de São Paulo, após meses de diálogo a gritos alternados “Ele não!” / “Mito!”. A partir deste momento, houve um silêncio ensurdecido da parcela da sociedade que se opunha ao governo vencedor, imóvel e incrédula diante do que tinha acontecido; houve famílias em que seus membros pararam de conversar, relações e amizades quebradas: a divisão dicotômica Nós/Eles se tornou evidente, circularam sempre mais termos como ‘fascistas’ e ‘comunistas’ e, em 2020, a atual crise da COVID-19 expôs mais claramente a face da elite dominante. Como entender esta realidade? E, sobretudo, como agir nela?

Neste texto defendo, primeiramente, que o bolsonarismo é uma manifestação do conceito que o semiólogo italiano Umberto Eco (2017) define como “Ur-Fascismo ou

fascismo eterno”: esta análise, além de confortar por tornar as políticas deste governo e seus efeitos facilmente identificáveis como fascistas, também dá esperanças, pois mostra como sua desestruturação política e ideológica permite ações que forçam os espaços de contradição que o constituem por meio de políticas de dissenso<sup>1</sup> (RANCIÈRE, 1996) e de solidariedade. A etimologia da palavra ‘solidariedade’ remete à ação de ‘solidificar’, ‘consolidar’ e é aqui entendida no sentido de consolidar espaços previamente abertos em função de fissuras naquela que é a atual ordem sócio-política constituída. Ambos os conceitos - dissenso e solidariedade - são entendidos em relação à comunidade: vivemos imbuídos na racionalidade capitalista que, para Dardot e Laval (2016), impõe rivalidade, competição e individualismo como racionalidade de um sistema que se coloca acima de qualquer conflito e que implementa hierarquias valorativas de forma implícita, constituindo o ser humano como um “produtor útil” (SOUZA, 2018). Ao contrário, o entendimento da interconexão das existências, como o advento da Covid-19 parece querer nos ensinar, requer uma nova racionalidade do estar-com (NANCY, 2001) que não exclui o outro, não o silencia, não o invisibiliza, mas o torna visível em um movimento de circulação de significados, de existências, de ontoepistemologias diferentes. Em outras palavras, se a lógica capitalista é excludente, será enfraquecendo esta lógica através de ações de dissenso e de solidariedade que movimentaremos novos assemblamentos epistêmicos para expor novas ontologias, pois, como afirma o sociólogo Jessé Souza (2018), a violência simbólica do capitalismo cria diferenças que são percebidas como substanciais e que, portanto, naturalizam as desigualdades. O meu entendimento é que o bolsonarismo é constituído por uma combinação de elementos que caracterizam os regimes fascistas unidos a profundas desigualdades legitimadas pela sutil ideologia do capitalismo moderno que, a meu ver, são sentidas de formas muito mais violentas em países com poucas políticas sociais e, portanto, afetados por fortes desigualdades e injustiças, como é o caso do Brasil.

Assim sendo, após ter demonstrado este entendimento do bolsonarismo como uma manifestação do ‘fascismo eterno’, este texto tem o intento de ser uma oportunidade para

---

<sup>1</sup> Para Rancière (1996), a política é um movimento de interrupção da ordem constituída na partilha do sensível por aqueles sem-parcela, pois política, para o filósofo francês, tem a ver com o modo de ser da comunidade, e dissenso é a racionalidade que rege essa divisão do sensível. Políticas são, portanto, o que se pode ver e dizer, o que pode ser ouvido e visto e quem tem competência para criar estes espaços de possibilidade.

pensarmos conjuntamente algumas possibilidades de ação e de resistência, baseadas em raciocínios que não se resumam a meras reações: *agir* e não *reagir* abre, pois, novos leques de possibilidades (ANZALDUA, 2007) em um cenário que parece nos encurralar sempre mais. Não tenho, porém, a presunção de oferecer soluções, nem opiniões fixas, considerando que a minha pessoa também tateia no escuro, perpassada por emoções como raiva, desespero, resignação, incredulidade. Contudo, espero contribuir, com este texto, para juntos, identificarmos fissuras e enxergarmos luz na escuridão.

Antes de demonstrar como o bolsonarismo se insere no conceito de ‘fascismo eterno’, se faz necessário expor as razões pelas quais se tornam de extrema relevância as análises da Linguística Aplicada acerca das complexidades do atual contexto brasileiro, que tem que lidar com as políticas do governo de Jair Bolsonaro e seus efeitos. Pensar criticamente - que se refaz ao significado do termo em inglês *criticismo* - se configura, de acordo com Monte Mór (2013), como capacidade de análise da situação social ou de um pensamento expresso em um dado contexto e independe de escolarização ou da especialização daquele que pensa. Tratar de assuntos sociais dentro do campo de estudos linguísticos possibilita a criação de novos conhecimentos, colocando em circulação novos sentidos e, portanto, novas ontologias. Se as linguagens fundamentam epistemologias, temos a “urgência de repensar e ressignificar sentidos por meio de um olhar crítico a fim de, por reconstruções epistêmicas, propor reformas ontoepistêmicas.” (DELL’OLIO, 2018, p. 41).

Quando o termo ‘fascismo’ começou a circular com mais frequência no Brasil, a minha primeira interpretação remeteu ao meu contexto de criação de sentidos, ou seja, ao significado desse termo geohistoricamente situado na Itália (1922-1943/45), país onde nasci e cresci. Este paralelismo, embora possa parecer forçado, se baseia na compreensão de que

[i]l termine “fascismo” si adatta a tutto perché è possibile eliminare da un regime fascista uno o più aspetti, e lo si potrà sempre riconoscere per fascista. Togliete al fascismo l'imperialismo e avrete Franco o Salazar; togliete il colonialismo e avrete il fascismo balcanico. Aggiungete al fascismo italiano un anticapitalismo radicale (che non affascinò mai Mussolini) e avrete Ezra Pound<sup>2</sup>. (ECO, 2017, p.16).

---

<sup>2</sup> O termo “fascismo” se adapta a tudo porque é possível eliminar de um regime fascista um ou mais aspectos e se poderá ainda reconhecê-lo como fascista. Tirem do fascismo o imperialismo e terão Franco e Salazar;

Acrescentem as desigualdades permanentes, legitimadas pela superioridade percebida como inata da classe dominante brasileira, e teremos - a meu ver - o bolsonarismo. Como explica Souza,

[o] consumo de vinhos caros e sofisticados e de roupa bem cortada passa a significar não apenas um bolso mais recheado, mas também, e principalmente, uma superioridade inata que merece, portanto, os privilégios que efetivamente disfruta. Os casamentos e as amizades que ajudam na reprodução infinita dos privilégios de classe no tempo serão construídos, precisamente, pelas afinidades sentidas afetivamente pelos indivíduos de uma mesma classe como pura expressão de uma **humanidade superior** (SOUZA, 2018, p. 45, grifo meu).

Para Eco (2017), embora os regimes políticos fascistas da Europa já tenham caído, suas ideologias continuam, na Europa e no mundo, pois atrás destas existe uma forma específica de pensar e sentir, existem determinados hábitos culturais, e uma bruma nebulosa de intuítos obscuros e de pulsões desconhecidas. Ainda sobre o trecho acima, ressalto também o uso do termo “humanidade superior”: é, pois, neste sentido que entendo a cocriação do epistêmico e do ontológico; a diferença valorativa não se resume a diferentes formas de existência mas ao contraste entre humanidade e animalidade que - de acordo com mecanismos de atribuição de prestígio social, respeito e consideração sobre os quais não temos controle enquanto derivados do sistema econômico e social no qual estamos inseridos<sup>3</sup> - justifica a violência institucionalizada e indiscriminada contra o outro, produzindo e perpetuando desigualdades permanentes.

Apresentada a característica principal do fascismo bolsonarista<sup>4</sup>, podemos agora percorrer aquelas que Eco (2017) coloca como aspectos que identificam e desvelam a coagulação de uma ‘nebulosa fascista’, sublinhando que, para isso, de acordo com o autor, é suficiente a presença de só uma delas. Para cada, traçaremos breves paralelos com as políticas do atual governo Bolsonaro.

---

tirem o colonialismo e terão o fascismo dos Balcãs. Acrescentem ao fascismo italiano um anticapitalismo radical (que nunca apeteceu a Mussolini) e terão Ezra Pound (tradução minha).

<sup>3</sup> Não cabendo aqui um maior aprofundamento do assunto (cf. SOUZA, 2018, p. 9-53).

<sup>4</sup> Ressalto que a presença de desigualdades está presente em todas as sociedades capitalistas, sendo parte constitutiva deste sistema, mas, as presenças de políticas sociais que visam a redistribuição dos capitais sociais, econômicos e culturais, pode atenuar seus efeitos.

1. Culto da tradição: de acordo com Eco (2017), o Tradicionalismo nasceu no final da idade elenística como reação ao racionalismo grego clássico. Esta corrente filosófica remete à necessidade de seguir os princípios da lei natural e da ordem moral transcendente e, baseando-se na verdade única das mensagens originais, não aceita o desenvolvimento do saber. Olavo de Carvalho, considerado o guru do bolsonarismo, é um dos seguidores desta filosofia (MELLO, 2020; MUSSE, 2007; TEITELBAUM, 2020).
2. O Tradicionalismo recusa a modernidade da razão e é, portanto, um movimento irracional (ECO, 2017): de acordo com Musse (2007), as obras de Olavo de Carvalho apresentam o mundo moderno como uma crise da civilização, causada por um processo de dessacralização, e definem o Positivismo, entre outros, como “sacerdócio das trevas”.
3. Suspeita da cultura: os movimentos fascistas se fundamentam na ‘ação pela ação’ e, portanto, veem a cultura com suspeita, considerando *o pensar* uma forma de eviração; de consequência, as Universidades são vistas como covis de ‘comunistas’. A lista dos ataques deste governo às universidades públicas é longa, cabe lembrar somente a última Medida Provisória (MP 979/2020) que ataca novamente a autonomia dessas nas escolhas dos reitores, antes feitas com processo de consulta à comunidade acadêmica, e o progressivo corte dos financiamentos, para os quais o governo sugere programas como o “Futura-se”, que convida à captação própria de recursos advindos dos interesses do empreendedorismo (MENEZES; PERA, 2019).
4. Incapacidade de admitir críticas e visão do desacordo como traição: é suficiente lembrar a lista de Ministros cuja permanência no cargo durou poucos meses, especialmente aqueles da saúde, para fundamentar a incapacidade do bolsonarismo de aceitar qualquer opinião que não seja cônsona e instrumental aos interesses do governo.
5. Intolerância com as diferenças, sendo racista e homofóbico: outra longa lista da qual cito, já no começo do mandato, a mudança do Ministério dos Direitos Humanos para o Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos cuja Ministra, Excelentíssima Senhora Damares Alves, teve sua credibilidade colocada à dura prova após ter declarado ter tido uma visão de Jesus numa goiabeira. Impossível não citar, também, que o atual Presidente foi condenado, quando ainda deputado federal, por declarações racistas e homofóbicas de acordo com as quais, pessoas educadas não seriam homossexuais e nem teriam relações amorosas com afrodescendentes (CORRÊA, 2019).
6. Tem origem da frustração individual e social, especialmente das classes médias: Souza (2018, p. 21), analisando as obras que fundamentaram o culturalismo brasileiro, mostra como este torna invisíveis as “elites de rapina” que vampirizam a sociedade e o Estado, colocando este último como o único responsável pela corrupção e o mercado como o oposto do Estado corrupto.

“Isso abre caminhos para golpes de Estado baseados na corrupção seletiva [...] quando o Estado hospeda integrantes não palatáveis pelos donos do mercado”.

7. Dá uma identidade nacional forte a quem não tem nenhuma e, para fortalecê-la, cria inimigos na base da conspiração e da xenofobia (ECO, 2017): o mote do bolsonarismo é “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, vindo do jargão militar brasileiro. Nação e religião: de um lado um nacionalismo de fachada que toma as cores da bandeira nacional para um só partido; do outro, a fé e o misticismo, que não somente servem para reforçar a crença que os fatos recentes aconteceram por vontade divina e tira, portanto, qualquer responsabilidade política, mas também fortalecem o apoio de determinados movimentos religiosos, essenciais, desde o começo, para a eleição do atual presidente. Para estreitar os laços do ‘Nós contra Eles’, tiveram grande êxito, também, as teorias da conspiração contra os “esquerdopatas” ou “comunistas” que ameaçam este país, constituídos primariamente pela China, mas que inclui todos os não seguidores do movimento, nacional e internacionalmente. Como esclarece Teitelbaum,

[i]t marked the advance of an agenda from the nationalist faction of his administration, the wing driven by Olavo, the complicated Traditionalist who was striving to see Brazil shed its mercantilist geopolitics that linked it to China, and instead prioritize the spiritual roots that made it a part of the Judeo-Christian West. (TEITELBAUM, 2020, p. 304)<sup>5</sup>.

8. A vida é uma guerra permanente: a linguagem deste governo, e especificamente de Jair Bolsonaro, remete frequentemente a termos do jargão militar, além de ser muito conhecida a sua defesa em prol de facilitar a compra de armas pela população e seu mote de ‘fazer arminha com a mão’.
9. Deprecia os fracos e se fundamenta no elitismo: os movimentos fascistas veem os membros do partido como os cidadãos melhores do mundo, lembrando o termo “cidadão do bem” usado pelo bolsonarismo.
10. Os fascistas são educados para ser heróis e estão sempre prontos a morrer pela pátria (embora, como ironiza Eco (2017), acontece com mais frequência que façam morrer os outros...): lembro a este respeito uma fotografia impactante de um manifestante bolsonarista pronto a morrer de COVID-19 pelo capitão, ou o mesmo Jair Bolsonaro que ridiculariza uma pandemia definindo-a como “gripezinha”.
11. Estando em uma guerra constante, o machismo é o grito de batalha e as armas são o seu Ersatz fálico permanente.

---

<sup>5</sup> Isso marcou o avanço de uma agenda da facção nacionalista de seu governo, a ala dirigida por Olavo, o Tradicionalista complicado que se esforçava para ver o Brasil abandonar sua geopolítica mercantilista que o ligava à China e, em vez disso, priorizar as raízes espirituais que o tornavam parte do Ocidente Judaico-Cristão (tradução minha).

12. Os movimentos fascistas são caracterizados pelo populismo qualitativo. Nos sistemas democráticos os cidadãos gozam de direitos individuais, mas o impacto político se dá quantitativamente, pois as decisões seguem as escolhas da maioria; entretanto, nos sistemas fascistas, o povo é visto como uma entidade monolítica com uma vontade única. Considerando a impossibilidade de ter, em um conjunto de seres humanos, vontades uniformes, nos sistemas fascistas, o leader se autoproclama interprete destes desejos, excluindo, de fato, qualquer diálogo político e relegando o papel do povo a uma ficção teatral. O linguista italiano já tinha previsto um populismo qualitativo dos meios de comunicação, no qual a resposta emotiva de um grupo limitado de cidadãos é colocada como a voz do povo (ECO, 2017). Completamente ausente dos debates televisivos durante a campanha presidencial, o partido de Jair Bolsonaro se serviu das mídias sociais como espaço fértil de informações falsas, alimentando paulatinamente um mundo outro, movido por emoções quais o ódio anti-comunista, o amor à pátria e a fidelidade ao ‘mito’.
13. O fascismo eterno fala a nova língua, defendendo o uso de uma língua lexicalmente mais pobre e sintaticamente elementar. Eco (2017) lembra como os textos didáticos no fascismo italiano eram linguisticamente empobrecidos, nos evocando o famoso comentário sobre os livros didáticos: “Muita coisa escrita, tem que suavizar aquilo” (VARGAS, 2020), frase pronunciada por Bolsonaro, no terceiro dia de governo, ao comentar a necessidade de introduzir um ensino ‘útil’, baseado em livros ‘feitos por nós’ com, na capa, a bandeira do Brasil e o hino nacional.

O intento de ter traçado este paralelo entre o bolsonarismo e as características que Eco (2017) aponta como pertencentes ao ‘fascismo eterno’ é, primeiramente, desmascarar e alertar para uma nova tomada de poder da ideologia fascista que agora ocupa, no Brasil, um espaço governamental; secundariamente, o intento aqui é apontar as falhas que o ‘fascismo eterno’ possui constitutivamente. De acordo com o semiólogo italiano, enquanto o nazismo e o stalinismo podem ser considerados totalitários, como regimes que subordinavam cada indivíduo a suas ideologias, os regimes fascistas foram, sim, ditaduras, mas não completamente totalitários - não por serem ‘bonzinhos’, mas pela fraqueza ideológica da sua filosofia que, de fato, é uma retórica (ECO, 2017). Ou seja, sendo um conjunto de contradições, os regimes fascistas nunca possuíram os meios intelectuais para controlar totalmente as ideias que circulavam. E é aqui que identifico uma brecha para ações de resistência.

Se, como defende este artigo, o epistêmico e o ontológico se co-criam, consigo ver possibilidades de ações que mobilizem a resistência e deem voz ao silêncio. Para tanto,

acredito que a pandemia da COVID-19 veio nos mostrar como pequenas ações podem levar à visibilidade parcelas minorizadas da população e criar movimentos que, de acordo com Rancière (1996), podemos definir como *dissenso político*. Cito rapidamente três exemplos, escolhidos porque conheci pessoalmente as pessoas que os organizaram:

1. O Copan, edifício icônico de São Paulo, com mais de 5 mil moradores, organizou durante a pandemia, algumas ações solidárias para distribuir comida e itens de primeira necessidade para os moradores de rua da região: algumas ações foram organizadas por movimentos já existentes (DE LUCA, 2020); outras nasceram espontaneamente entre os moradores, que possuem uma página no Facebook para arrecadar dinheiro e ajudar, também, os restaurantes fechados do complexo habitacional. Nascidos sem nenhuma pretensão, essas ações tomaram dimensões importantes, ajudando e humanizando a população de rua da região.
2. “Ruas do bem” é um movimento que nasceu pela iniciativa de um grupo de amigos envolvidos com arte, que espalhou frases positivas pelas ruas de São Paulo, escrevendo-as com técnicas de estêncil, fazendo circular outros sentidos da quarentena. Atualmente o movimento arrecada dinheiro para distribuir cestas básicas nas periferias (Figura 1).
3. “English to trans-form” é um projeto de aulas de idioma gratuitas, especialmente inglês, que foi pensado para dar espaço à população LGBTQI+ no mercado de trabalho. Quando o bolsonarismo se fez mais forte, o projeto passou por um período difícil pela falta de financiamentos públicos, mas conseguiu sobreviver por meio de doações e atividades que arrecadassem verba (Figura 2).



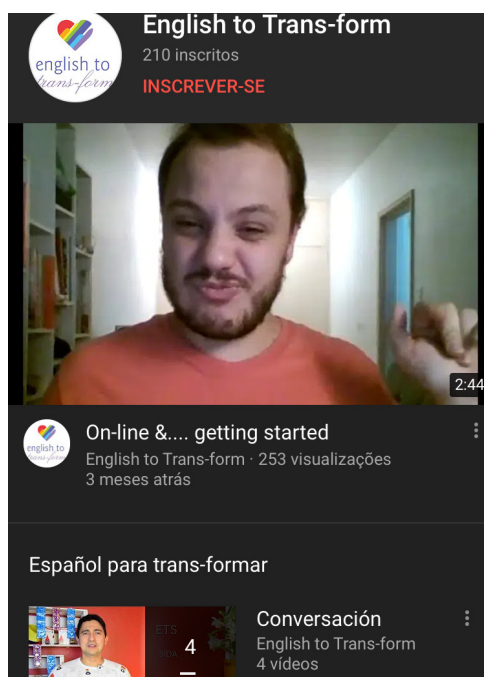
Figura 1: “Frase em estêncil do Ruas do Bem”.



Fonte: GHIRALDINI; NOGUEIRA; SANDINI, 2020.<sup>6</sup>

<sup>6</sup> Agradeço aos autores pela autorização de uso de imagem. Idealização: Victor Ghiraldini - @victor\_ghiraldini; Frases: Marcelo Nogueira - @marcelo.nogueira.54; Fotografia: Bruno Sandini - @brunosandini.

Figura 2: “Paolo Capistrano, idealizador do English to Trans-Form”.



Fonte<sup>7</sup>: <<https://www.youtube.com/channel/UCNG8tG6Iwg35172gO10IFvQ>>.  
Acesso em: 25 jul. 2020.

O paralelo aqui feito entre a teoria de Umberto Eco (2017) sobre o *fascismo eterno* e o atual governo brasileiro serviu para comprovar a tese de que estamos vivendo em uma organização sócio-política fortemente influenciada pelo fascismo, cuja ideologia, porém, sempre esteve presente embora parcialmente silenciada pela maioria então dominante. Os projetos brevemente citados, e que convido-lhes a conhecer de forma mais aprofundada, poderiam ser lidos como formas de defesa criadas por movimentos individuais, sem necessidade de políticas públicas de apoio. Contudo, o intento não foi entrar na lógica capitalista do individualismo e da falta de políticas afirmativas, mas mostrar que é possível (re)existir com ações de afeto (FRASER, 2014) e interconexões também na atual conjuntura político-social. Además, estas iniciativas podem ser entendidas como formas de diálogo e de contraste às políticas fascistas colocadas em ato pelo governo e ficam aqui como convite a pensarmos outras redes solidárias (e) de resistência.

<sup>7</sup> Agradeço a Paolo Capistrano pela autorização de uso de imagem.

**REFERÊNCIAS**

ANZALDÚA, G. *Borderlands: la frontera*. San Francisco: Aunt Lute, 2007.

CORRÊA, M. Bolsonaro vai pagar R\$ 150 mil por declarações homofóbicas e racistas. Globo, São Paulo, 09 de maio de 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/justica-mantem-condenacao-de-bolsonaro-pagar-150-mil-por-declaracoes-homofobicas-racistas-23654087>>. Acesso em: 25 jul. 2020.

DARDOT, P.; LAVAL, C. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELL'OLIO, F. *Encontros interculturais entre fronteiras: corpos e afetos migrantes*. Tese. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2018.

DE LUCA, N. Moradores do Copan se mobilizam para ajudar população de rua. Folha de São Paulo, São Paulo, 29 de abril de 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/empreendedorsocial/2020/04/moradores-do-copan-se-mobilizam-para-ajudar-moradores-de-rua.shtml>>. Acesso em: 25 jul. 2020.

ECO, U. *Il fascismo eterno*. Milano: La Nave di Teseo, 2017.

FRASER, N. *Transnationalizing the Public Sphere, On the Legitimacy and Efficacy of Public Opinion. a Post-Westphalian World*, In: FRASER, N. *et al.* *Transnationalizing the Public Sphere*, Cambridge: Polity, 2014, p. 8-42.

MELLO, P. C. Filosofia obscura une Olavo de Carvalho, Bannon e Dugin, conselheiro de Putin. Folha de São Paulo, São Paulo, 30 de abril de 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/04/filosofia-obscura-une-olavo-de-carvalho-bannon-e-dugin-conselheiro-de-putin.shtml>>. Acesso em: 25 jul. 2020.

MENEZES, D.; PERA, G. "É a maior revolução na área de ensino no país dos últimos 20 anos", diz ministro. Portal MEC, Brasília, 11 de dezembro de 2019. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/12-acoes-programas-e-projetos-637152388/83511-e-a-maior-revolucao-na-area-de-ensino-no-pais-dos-ultimos-20-anos-diz-ministro>>. Acesso em: 25 jul. 2020.

MONTE MÓR, W. Crítica e letramentos críticos: reflexões preliminares. In: ROCHA, C. H. (Org.) *Língua Estrangeira e Formação Cidadã: por entre discursos e práticas*. Campinas: Pontes Editora, 2013, p. 31-50.

MUSSE, R. Crise e barbárie. Folha de São Paulo, São Paulo, 23 de setembro de 2007. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2309200710.htm>>. Acesso em: 25 jul. 2020.

NANCY, J. *Essere singolare plurale*, trad. it. Di D. Tarizzo, Torino: Einaudi, 2001.

RANCIÈRE, J. *O desentendimento*. Tradução Ângela Leite Lopes. São Paulo: Ed 34, 1996.

SOUZA, J. *Subcidadania brasileira: para entender o país além do jeitinho brasileiro*. Leya, 2018.

TEITELBAUM, B. R. *War for Eternity: Inside Bannon's Far-Right Circle of Global Power Brokers*. Nova Iorque: Dey Street Books, 2020.

VARGAS, M. Bolsonaro diz que livros didáticos têm 'muita coisa escrita'. Estadão, 03 de janeiro de 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2020/01/03/bolsonaro-diz-que-livros-didaticos-tem-muita-coisa-escrita.htm>>. Acesso em: 25 jul. 2020.

VATTIMO, G. Dialettica, differenza, pensiero debole. In: VATTIMO, G.; ROVATTO, P. A. (Orgs.). *Il pensiero debole*. Milano: Feltrinelli, p. 12-28, 2010.